David Fernandes Neto

Davidneto_2010@hotmail.com

Fernandesdavid1111@gmail.com

R E T I R A N T E S

2024

Retirantes

Preparação: David Fernandes Neto
Diagramação: David Fernandes Neto
Capa: David Fernandes Neto

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

NETO, David Fernandes. Retirantes, volume I. David Fernandes Neto. Minas Gerais, 2024.

Índice para catálogo sistemático:
Gênero: Poema
Tipo: Literário

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca, ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotográficos ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta àquela em que foi publicada.

Este livro é dedicado a todos os jovens e pais de família que por várias décadas, deixavam anualmente o Vale Jequitinhonha para buscar parte de seu sustento no sertão.

Finalizando a oferta de trabalho no sertão, a nova geração, jovens e pais de família, deixavam anualmente o Vale Jequitinhonha para buscar parte de seu sustento no corte de cana.

PREFÁCIO

Muitas regiões pobres do Brasil sofreram ou sofrem com ausência de políticas públicas que pudessem ou podem proporcionar melhores condições de vida para a população. Em especial, a população rural que sobreviviam ou sobrevivem da agricultura familiar.

Esta ausência, somada a fatores climáticos como a seca, dificultava e ainda dificulta a sobrevivência da população. Diante das dificuldades encontradas, essa classe que é excluída dos direitos aos quais tinha e tem direito, buscaram e buscam temporariamente trabalho em outras localidades do Brasil.

Essa realidade não foi diferente no Vale Jequitinhonha. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, muitos jovens e pais de família foram para a região noroeste de Minas Gerais trabalhar na derrubada de florestas, usando o machado como ferramenta. Nessa região, este processo de migração temporária ficou conhecido como, trabalho no sertão. Naquele período, esse foi o trabalho em que muitos encontraram uma forma para conseguir recursos, que somados às lavouras, conseguiram sustento para a família.

No final da década de 1980, este processo de migração temporária diminuiu devido este tipo de serviço no noroeste de Minas também ter diminuído. Assim, algumas famílias desse vale, a nova geração, que eram os filhos dos pais que buscaram no sertão uma fonte de trabalho e renda, jovens e pais de família, encontraram no corte de cana uma nova forma de obter uma fonte de renda que, acrescentada à produção rural, conseguiram se manter nessa localidade.

Nas duas últimas décadas do século XX até a primeira metade da primeira década do século XXI, dezenas de centenas de jovens e pais de família seguiram rumo a São Paulo. Durante a temporada em que cortavam cana, permaneciam alojados nas fazendas em que trabalhavam. Nestas condições, ficavam de sete a oito meses, que geralmente iniciava em março até o final de outubro ou início de novembro, dependendo da região em que trabalhavam. No corte de cana, encontraram uma forma de conseguir recursos para sobreviverem nas localidades em que moravam.

No mês de março, dezenas de ônibus saíam dos diversos munícipios do Vale Jequitinhonha em direção ao interior de São Paulo. Essa realidade mudou quando o corte da cana passou a ser quase todo maquinizado. Após o ano 2003, alguns jovens e pais de família foram para o corte de cana e permaneceram em São Paulo. Morando nesta localidade, capacitaram-se para atender às novas ofertas de serviço, operar máquinas.

Na segunda metade da primeira década do século XXI, algumas melhorias começaram a surgir nessa região, Vale Jequitinhonha, quanto às ações de políticas públicas, possibilitando uma vida mais digna à população como um todo. No entanto, o abandono no qual a população enfrentou, causou um grande êxodo na região, ficando poucas famílias no meio rural.

A partida

Mais um dia que amanhece.
Panelas vazias, não há nada no prato.
O olhar das crianças que entristece.
A falta de recursos, um triste fato.

O choro dos filhos, o olhar da esposa.
Estômago vazio, nenhum alimento que se prepare.
Não há nada na despensa e nem na roça.
Faz correr lágrimas nos olhos do João do Vale.

Ao ver filhos com fome.
Dói o coração do homem.
Ao olhar uma vaquinha na manga seca sem capim.
Sem comida, de magreza, morrerá assim.

Muitas vaquinhas não estão na manga.
Foram vendidas para alimentar a família.
Os recursos que tinha já estavam no fim.
Pensava ele... Todos aqui dependem de mim.

A única saída é ir para outros estados.
Sair pelo mundo a procura de trabalho.
Buscar recursos tão desejados.
Para que sua família tenha amparo.

O dia da partida chega.
Dinheiro terá que deixar.
O olhar é lançado na relva seca.
Sem ter mais o que fazer para aquela realidade mudar.

É hora de pensar.
O outro dia é dia.
Sua família terá que deixar.

O sol que se põe no horizonte não o comovia.
Era apenas o sol escaldante.
Que o machucava todos os dias.

Barriga vazia, João do Vale pensava.
Olhos fixos para aquele chão.
Mas ele só questionava.
A realidade, a desolação que virou aquela região.

Hoje, chora João.
Quando pensa em sua comunidade.
De tão abandonada, já não existe não.
Famílias que persistem, esquecidas pela humanidade.

Nesta terra isolada vive João.
Que sem amparo sofre naquele pedaço de chão.
Sua família não teve para onde ir.
Daquele pedaço de terra não tiveram condições de sair.

Ontem João do Vale cantava.
No seu rosto o sorriso estava.
Pois tinha arroz como mistura.
Não seria somente farinha seca com pouco rapa de rapadura.

Hoje, triste encontra-se João.
Não mais sorria.
Pois havia somente a água rala do feijão.
Nem a farinha tingia.

Este é João do Vale que tamanha tristeza sentia.
Naquela noite chora em sua cama.
Sabe que no outro dia.
Vai para o corte de cana.

Lembrava do que dizia seu pai, que também era um João.
Com toda a dificuldade encontrada, daquela terra ele não sai.
Mas teve que buscar sustento em outro chão.

Daquela terra não tendo como tirar todo o sustento.
Seu pai não conheceu o corte de cana.
Mas no sertão, seu suor foi deixado para obter alimento.

Madrugada, João do Vale levanta.
Não sabia se era a barriga vazia que o fazia passar mal.
Do pouco que tinha, uma geleia para as crianças foi a janta.
Ou será que era preocupação ao segurar sua maleta de pau.

Na porta da casa, chorava olhando os filhos que dormiam.
Seu olhar estendia ao longo da estrada.
Abraçava a esposa e um filho, pelo terreiro seguiam.
Estava escuro, ainda era madrugada.

Ao longe vira e acena para sua família.
Naquele momento ninguém mais dormia.
Com um vidro d'água na mão.
Indicava que teria de andar muito chão.

Lá vai João do Vale por aquela terra que ama.
Caminhava feliz pois ia para o corte de cana.
Triste por deixar pouco dinheiro para família sobreviver.
Sabia que o tempo fora não passava ligeiro, demoraria os ver.

Iria trabalhar por meses de sol a sol com ferramenta na mão.
Sujar a pele no melado preto das canas queimadas.
Não irá segurar o cabo da enxada, mas sim, o cabo do facão.
Com o podão, canas serão contadas por suas mãos calejadas.

Em meio aquele sofrimento.
Do trabalho pesado que fazia.

De sua boca não ouvia nenhum lamento.
Nem do excesso de horas trabalhadas e nem da boia-fria.

Em sua mente vinham pensamentos ligeiros.
Diante a solidão não entristecia.
Sabia que iria ganhar dinheiro.

Voltaria para aquela localidade tão abandonada.
Por todos tão esquecida.
Por ele e sua família muito amada.

A estrada

Na estrada que percorria.
Sua mala pesava.
Ou a fraqueza que batia.

Ao caminhar um longo pedaço, era pleno meio-dia.
Ainda estava em dejejum.
Com a barriga vazia.

Chupava um taco de rapadura.
Para que sua fome sacia.
A caminhada por aquela estrada ficasse menos dura.

Aquele melaço que em sua boca corria.
Aquecia seu coração.
Pois era seu dejejum daquele dia.

Um gole d'água que acompanha.
Aumentava a satisfação.
Não era sede e nem manha.

João do Vale usava uma tática.
Enganaria um pouco mais a fome.
Era acostumado com essa prática.

Andava João do Vale por aquele caminho.
Aquele trilho que fazia com que diminuía.
Mas não apagava seu sonho.

Por aquela estrada funda desaparecia.
Sumia apenas seu corpo.
Que não estava morto, apenas por aquela caminhada seguia.

A presença das famílias naquela localidade era ignorada.
Não tinha ninguém por eles.
Políticos, políticas públicas e ações sociais tão faladas.

Mas o brilho de sua alma.
Tão grande que era, tão forte reluzia.
Não dava para ser apagada.

O brilho podia ser visto por todo lado.
Na esperança que carregava em seu dia a dia.
Mesmo na falta d'água, o ribeirão que havia secado.

Se o poder público por aquela luz fosse abalado.
Talvez, abririam os olhos e novas decisões fossem tomadas.
As oportunidades chegariam àquele lugar abandonado.

O pau de arara

Mais de meio-dia de caminhada.
O final daquela estrada havia chegado.
Entre pedras, cascalho e poeira.
Com a estrada principal havia encontrado.